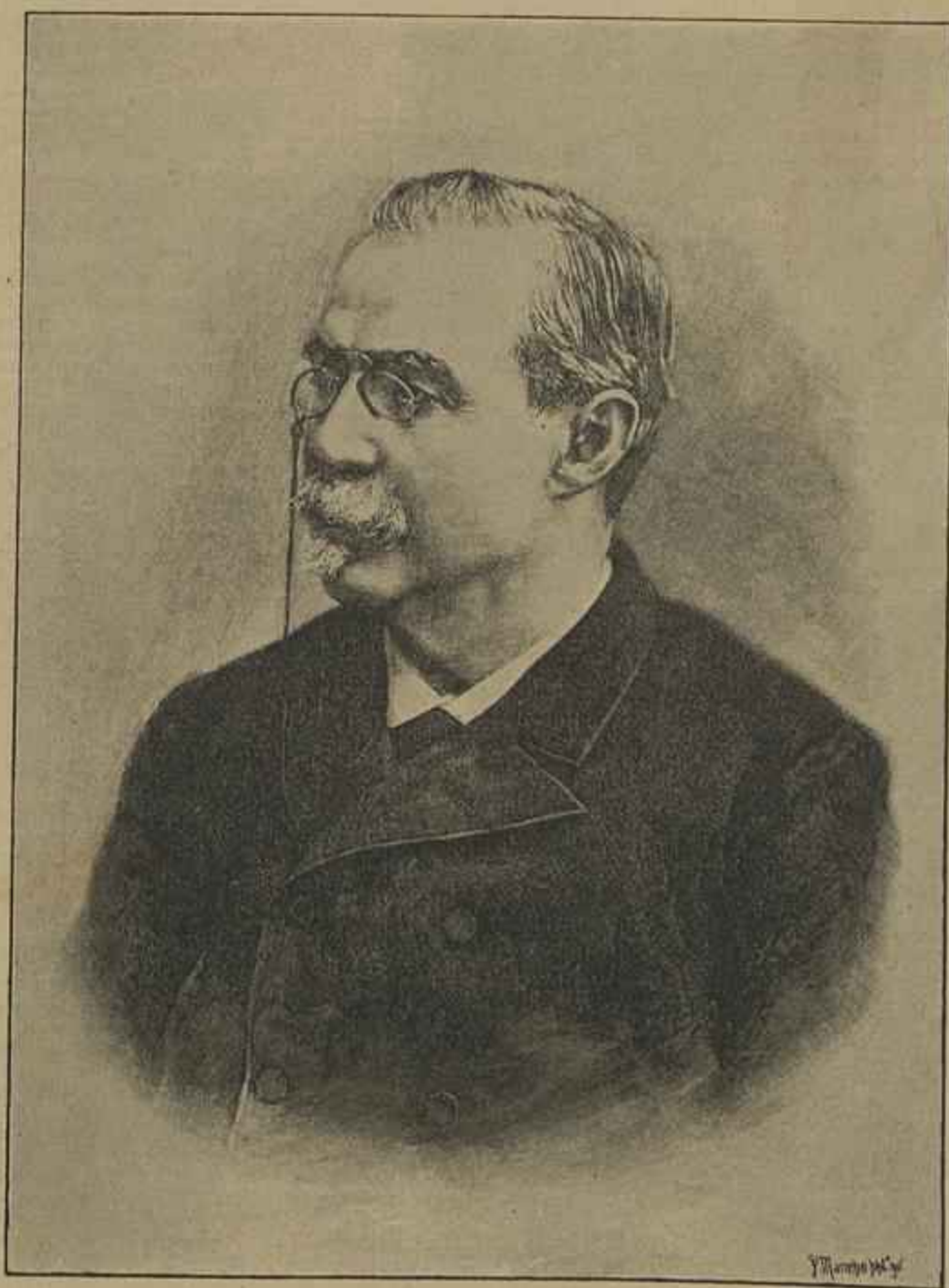


# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 670	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	16900	6950	5120	10 DE AGOSTO DE 1897	<i>Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CÁNOVAS DEL CASTILLO — ASSASSINADO EM 8 DO CORRENTE  
 (Cópia de uma photographia de Debás)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Já, pelas tardes, quando começa a refrescar e o vento norte assobia melancolicamente pelas frinças das portas, uma ou outra folhinha amarella volteia pelo ar, some-se, como estrelinha d'ouro pequenina. Já, por vezes, o ar humido nos traz uns primeiros perfumes de outono. O tempo gosta de despedir-se com tempo, como gosta de voltar atrás para mais uma despedida, dando-nos um triste adeus do inverno em abril, um sorridente adeus do verão em novembro.

Dentro em pouco as villas de aguas medicinaes, agora em toda a opulencia, serão desertas, fugindo toda a animação para as terras á beira-mar, cujas praias de manhã se povoam, cujos clubs á noite se illuminam, cujos pinhaes á tarde se enchem de risos alegres, como em nova primavera.

Por enquanto ainda é do Gerez, das Pedras Salgadas, de Vizella, das Caldas sobretudo, que nos veem novas de maiores festas. Dir-se-hia que os rheumaticos e os gotosos, provam-o as estatísticas, são os mais valentes dançarinos.

Portugal foi privilegiado pela natureza na riqueza de seus climas e aguas mineraes.

Pouco ha, um dos mais auctorizados engenheiros portuguezes publicou no *Jornal das Sciencias Medicas* a conferencia que fez em Clermont-Ferand, quando, em setembro e outubro do anno passado, ali se reuniu o congresso internacional de hydrologia, climatologia e geologia.

Publicado em separata do jornal, constitue o discurso do sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, um pequeno folheto a que o auctor poz o titulo de *Climas e aguas thermaes de Portugal*.

Cheia de dados estatísticos, colhidos pacientemente e conscienciosamente, não só nos boletins meteorológicos mas nas paginas dispersas do pouco que entre nós se tem feito sobre o assumpto, escripta n'aquelle estylo simples e certo de que tanto se arredam em geral os homens de sciencia em suas velleidades litterarias, a conferencia do distincto engenheiro demonstra que a exploração da amenidade do nosso clima e variedade das aguas medicinaes poderia ser uma das mais seguras fontes da nossa riqueza publica. Soube fazel-o sem falso patriotismo, pois juntamente aponta o muito que nos falta para que as nossas estações balneares possam concorrer com as mais em voga nos paizes adeantados.

As bellezas naturaes de Portugal decerto que bem reclamadas, poderiam convidar a uma visita os estrangeiros, tão estragadas não foram ainda pelos indigenas que as procuram enterrar com o criterio d'um Lagoia qualquer, que em tempos annuncios enterros pobres parecendo ricos. Platibandas de loiça, estatuas de gesso, vasos com pitceiras de folha, deitam-se primores abaixo para arvorar essas obras d'arte em casinhas de papelão pintadinho ás riscas.

Mas, enquanto os mais favorecidos pela sorte fogem dos calores, aliás muito calumniados de Lisboa, os que por ahí se deixaram ficar tratam de amenisar quanto possível o tempo que vai correndo vagaroso.

Fôra no Club de Lisboa, ao Largo da Calvaria, que se fizera a primeira tentativa de representação d'uma opera portugueza, *A Lancha Favorita*, poema do sr. Arthur Marinho da Silva, musica de Filipe Duarte. Para não pararem em tão bom caminho, cantou-se, ha poucos dias, uma nova opera, *Dinah*, poema do sr. Arthur Jorge da Costa Carvalho e musica do sr. Antonio Gonçalves da Cunha Taborda.

Duas vezes foi a *Dinah* representada entre applausos calorosos e louvores geraes da critica.

Foram interpretes as sr.<sup>as</sup> D. Maria Luiza Ribeiro d'Almeida e D. Edwiges Cardoso, e os sr.s. Alfredo Gameiro, Paulo do Quental e Anacleto d'Oliveira. Tomaram parte nos côros muitos socios e senhoras de suas familias. A orchestra era composta de amadores, que todos se houveram com particular mestria.

Foi também uma noite de verão á escolhida para a inauguração da nova casa de espectáculos, em Setubal, Theatro D. Amelia, ha pouco realçada com o concurso d'alguns dos principaes actores portuguezes, Virginia, 1.<sup>a</sup> Orda, Ferreira da Silva, e outros.

Subiu á scena o drama d'um escriptor setubalense, sr. Arronches Junqueiro, já conhecido no meio litterario por um bonito volume de versos, ha mezes publicado.

Setubal é dos cantos mais lindos da Extremadura. A serra de S. Luiz, os laranjaes, o Sado que se espraia com glorias de grande rio, os velhos conventos nos solcaes dos montes, fazem de seus arredores uma região encantadora. Tudo falla risonhamente á imaginação e não espanta por isso que tão bons poetas ali se tenham criado. Ali nasceu Bocage, um dos mais illustres que tem vindo a Portugal e que muitos querem collocar no degrau mais alto do altissimo throno a que subiu Camões.

Foi de Setubal também que nos veio parar ás mãos um pequenino livro, *Para as crianças*, e que é o n.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> d'uma série de contos devidos á penna da sr.<sup>a</sup> D. Anna de Castro Osorio, escriptora já bem conhecida.

Pouco entre nós se tem pensado nas crianças, que tantos diavelos nos deveriam merecer, ainda que só fosse por egoismo.

São os homens de amanhã, aquelles de quem havemos de depender, quando a velhice nos houver apagado as facultades, limitado os sentidos, reduzido as forças.

Julgo innegavel que um grande passo foi dado com a reforma da instrucção. Por mais graves que possam ser os seus defeitos, que pouco a pouco podem e devem ser corrigidos, foi a nova lei devida a um principio justissimo, obedeceu a um elevado criterio, foi philanthropica e ha de ser fructifera.

Ainda não ha muito, li n'um livro do sr. dr. Bombarda, que n'estes assumptos é auctoridade, paginas amargas sobre a forma por que ás crianças era ministrada a instrucção em Portugal, e quantas d'ellas, mais tarde, vinham a pagar o esforço das facultades mal dirigidas, umas nas prisões lugubres dos manicômios, outras, mais felizes, nas covas do cemiterio abertas prematuramente.

Mas não basta formar-lhes a intelligencia, é preciso, e sobretudo, educar-lhes os corações.

A preocupação pelo presente que todos enferma, e muito visivelmente os homens da politica, é talvez um caso pathologico que devesse ser estudado. Lembra o nosso paiz um moribundo a que o assistente prolonga a vida pelas injeções mais variadas e ás vezes contrarias, morfina, ether, cafeina. Mas nós já, n'esse caso, estaremos prohibidos de appellar para o futuro.

Pois n'elle é que deve estar o remedio. É o futuro que devemos preparar, pensando na educação de nossos filhos, na educação d'esses todos que hão de ser seus companheiros nas luctas futuras.

O tempo vai de desanimos. Mas que elementos não temos ainda para lutar e vencer!

Ahi está um homem que é bem da nossa raça. Tem nos olhos negros, na pelle escura, nos movimentos nervosos todos os seus característicos. Nos seus modos francos, no fallar sacudido, no olhar cheio de ousadia revelam-se-lhe todas as finissimas qualidades d'alma. Tem mais que os outros, e d'ahi a sua enorme grandeza relativa, um sopro de genio. Mas aquillo é tudo bem portuguez em Mousinho d'Albuquerque.

Costumámo-nos ás glorias. Já chegam de tão longe os pobres soldados que andaram a bater-se pela patria, e a população indifferente vê-os passar magros, alquebrados, roídos pelas febres. Já não ha hymnos de triumpho, aclamações, lagrimas de alegria.

Seja assim. Faça-se tanto caso da gloria como se ella fosse o pão nosso de cada dia. Mas não se deixe nunca de apontar ás crianças exemplos tão heroicos. Na historia moderna também ha factos que lhes saibam fazer vibrar os corações, fortificar as almas. É preciso obrigar as a sonhar e saber-lhes dirigir os sonhos para que um dia sejam homens que luctem, em vez de bachareis que discorram. Veremos então se isto é paiz para acabar n'esse esfacelamento a que tantos o querem conduzir, a que muitos o acham condemnado.

Essa tristeza que já invadiu os novos, essa descrença que vai minando as almas, revelam-se sobremodo nos ultimos livros de versos que tem apparecido. Não devemos dar grande credito aos poetas, cuja sinceridade é poesia; mas o caso, por insignificante que pareça, revela uma tendencia geral, um como que mal-estar de todos, preguiça da sensibilidade, deiciação melancolica, sonhar confuso, saudades nebulosas, pesadêlo em que o coração se comprime n'um vago anceio.

Um novo poeta, e este, graças a Deus, com muito talento, acaba de publicar um volume de versos, *Para quê?* E principia o livro pelo exame d'uma caveira, um bello soneto que fecha com estes versos:

O Senhora da Treva e da Agonia!  
Para que serve andar aqui um dia  
N'este Val de Afflicção que a gente vê?

P'ra que serve, dizci, tanta afflicção?  
P'ra que serve mostrar o coração?  
Amor e Gloria e Vida ... para quê?

E mais adiante diz:

Repara como eu ando derreadinho,  
Hão de pensar que d'annos tenho cem!  
Eu vim assim, eu era já velhinho  
Quando resava ao pé de minha mãe!

É um bello livro o do sr. Affonso Lopes Vieira, que nos promette com os seus vinte annos, creio que ainda incompletos, um notabilissimo poeta.

A poesia em Portugal está tomando uns tons de melancolia, que dizem talvez com a nossa natureza, mas em que não era para desejar ver um symptoma grave de doença a minar uma raça.

Mas o que nos deve fazer suppôr que assim não seja, é que esses azedumes de hypocondriacos não se encontram nas outras manifestações d'arte, embora, com raras excepções, os artistas portuguezes prefiram ás rutilancias das epopeias as côres baças e os tons menores.

Percorrendo as paginas do livro de Monteiro Ramalho, *Folhas d'Arte* procurámos rever por um esforço de memoria esses salões de pintura de que nos fala, desde a primeira exposição do Grupo Leão nas salas do *Commercio de Portugal*.

N'esse bello livro, em que Monteiro Ramalho reuniu os artigos de critica d'arte que publicára em varios jornaes desde 1882, vê-se como, passo a passo, desde a iniciativa do nosso querido Alberto d'Oliveira até ás ultimas exposições do Gremio Artístico, a arte da pintura foi progredindo entre nós, apesar do golpe tetrico da morte de Silva Porto.

O livro, *Folhas d'Arte*, que é livro para lêr-se, faz-nos rever com saudades todas essas bellas obras do grande paisagista, de Columbano, de Ramalho, de Salgado, de Teixeira Lopes, de tantos outros, que todos ahí estão a confirmarem que ainda ha arte em Portugal.

Cêos azues, ceuras immensas, poentes esplendidos, ternissimas tardes, pinhaes misteriosos, olhos negros, labios vermelhos! Não será tudo isto tão portuguez também?

Punhamos, de quando em quando, de parte as nossas tristezas, descancemos os nossos corações. Ainda ha bem pouco, tivemos um dia de festa, quando, no azul esplendido do céu sobre o Tejo, tremulou no alto do mastro do *Adamastor* a bandeira azul e branca de Portugal.

Ainda ha exemplos a seguir na moderna historia.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

CÁNOVAS DEL CASTILLO

Era uma das maiores capacidades da Hespanha e um dos maiores vultos da scena politica da Europa, o homem que cahiu varado pelas balas de um revolver, na mão traçoira de um assassino, que contra elle o disparou á queima roupa. Assim o communicou o seguinte telegramma recebido em Lisboa na tarde de 8 do corrente.

**Madrid, 8, ás 4,52 t.** — Diz um despacho official de Santa Agueda, que o sr. Cánovas del Castillo recebeu tres tiros de revolver que lhe disparou um individuo. Cánovas del Castillo morreu uma hora depois do attentado, sendo as suas ultimas palavras as de *Viva a Hespanha!*

Um segundo telegramma para o *Diario de Noticias* dá os seguintes promenores: O sr. Cánovas descancava e recomponha a sua saude nos banhos de Santa Agueda, em Guipuzcoa. Estava ali acompanhado de sua esposa D. Joaquina Osma, do secretario particular sr. Mortesin e de tres criados. Actualmente também estava ali o ministro do Ultramar. Esta manhã, depois do meio dia, o sr. Cánovas lia os jornaes na sala do hotel. Approximou-se d'elle um homem de aspecto humilde e sem dizer palavra levantou o braço armado de revolver, e disparou á queima roupa tres tiros contra o presidente do conselho, que recebeu uma bala na fronte e duas no corpo. Em resultado d'estes ferimentos falleceu hora e meia depois.

O sr. Cánovas ao sentir-se ferido chamou assassino ao seu aggressor; e depois na agonia, ouviu-se-lhe balbuciar: *Viva a Hespanha.*

É profundamente lamentavel a perda de um homem da estatura moral de Cánovas del Castillo, que tão grande influencia teve na politica do seu paiz, e a quem a Hespanha deveu, sem duvida, a cessação das luctas armadas, que por tantos annos a inquietaram e enfraqueceram, até á restauração da dynastia bourbonica, na pessoa de D. Alfonso XII, que Cánovas ajudou a pôr de novo no throno de S. Fernando.

E hoje, que uma questão grave assoberba a Hespanha, como é a guerra pela independencia de Cuba, mais precisava ella do pulso vigoroso, do homem experiente e energico, que agora morreu ás mãos de um assassino, de um napolitano, de nome Miguel Angelo Colli, que certamente não obrou por vontade propria, independente de qualquer instigação ou mandado, cuja origem ainda se não conhece positivamente.

Antonio Cánovas del Castillo nasceu em Malaga, em 1824, de paes pouco mais que humildes, pelo que deveu ao talento e trabalho a eminente posição que conquistou no seu paiz.

Na sua educação litteraria cursou philosophia e direito, em Madrid e dedicou-se ao jornalismo levado pela tendencia que tinha para a politica.

Em 1852 entrava no parlamento eleito deputado pela sua terra natal. D'este anno datam as commissões officiaes que principiou a desempenhar, revelando, pelo acerto com que as desempenhou, o homem que mais tarde havia de ser o estadista de pulso, chefe do partido conservador.

Foi pela primeira vez ministro do interior em 1863 e depois fez parte do gabinete de 1866 como ministro das colonias.

A Hespanha, sempre agitada, passou dias de revolução que se succederam até a expulsão do throno da rainha Isabel.

A republica que succedeu não foi mais tranquilla, como o não foi tambem a restauração da monarchia que pôz o principe Amadeu de Italia no throno da Hespanha.

Cánovas salvou o seu paiz de se espiacelar em continuas guerras civis, completando a obra de Pavia, com o decidido apoio que deu a D. Alfonso XII, e pela prematura morte d'este, á sua viuva como regente e representante do principe herdeiro que nascia já orphão de pae.

Quantas forças e luctas poupou á Hespanha o tacto politico de Cánovas não é dado negar, e melhor o poderão dizer os hespanhoes, que n'esse momento se agrupam em torno do governo, para conjurar os males que a morte do eminente estadista pôde trazer ao seu paiz.

Cánovas del Castillo era o actual presidente do conselho e o seu governo tem luctado heroicamente contra as vicissitudes porque está passando a Hespanha, não sendo a menor a guerra que sustenta em Cuba contra os insurrectos.

Essa guerra, que tem tido diversas phases, encontra-se agora em condições pouco favoraveis ao dominio hespanhol, quando parecia quasi terminada.

A falta do grande estadista é por isso mesmo tanto mais sentida n'este momento critico, em que, só um pulso forte e experiente poderá dominar a situação.

Que Deus traga dias de felicidade e de paz á nobre e cavalheirosa Hespanha.

#### ASYLO DE MENDICIDADE DE LISBOA

A historia da Assistencia publica tem muito de bom a registar em Portugal, onde constitue uma das feições moraes mais caracteristicas d'este povo.

N'este paiz, onde tudo se espera dos governos, porque só elles, no entender de muita gente, e que podem e devem ter idéas para desenvolver a riqueza publica, uma coisa existe em que a iniciativa particular sobreleva a toda a acção official; é a caridade publica.

Muitas empresas bem auspiciadas cahem por falta de boa administração, quantos empreendimentos frustrados e negocios perdidos, mas as instituições de caridade prosperam sempre, encontram administrações devotas e desprendidas de vil interesse, e por todas as terras do paiz florescem.

Esta feição moral do povo portuguez accentua-se tão fortemente, que passa além das fronteiras, e por toda a parte onde houver uma colonia de portuguezes, maior ou menor, lá encontrareis uma ou outra instituição de beneficencia, de soccorro aos desgraçados, como o primeiro cuidado dos felizes em olharem pelo seu semelhante.

Haja vista as multiplices sociedades de beneficencia portuguezas estabelecidas pelo Brazil, nas principaes cidades da grande republica, onde vivem milhares de portuguezes.

O Asylo de Mendicidade de Lisboa é uma das muitas instituições de caridade que florescem no nosso paiz e das mais prosperas, que maiores beneficios faz á população invalida da capital.

Alli os velhos achacados, doentes, invalidos para o trabalho activo que lhes dê os meios de subsistencia, encontram um asylo seguro, que os abriga da miseria extrema e lhes ajuda a confortar o ultimo quartel da vida.

Este asylo foi creado por um decreto de 14 de abril de 1836, no reinado da rainha D. Maria II, e referendado por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, ministro do reino, então.

Instalou-se no edificio do extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, situado no antigo Campo de Sant'Anna, hoje Campo dos Martyres da Patria, e um dos pontos mais elevados da cidade.

De principio foi dirigido por uma commissão administrativa, de que fizeram parte, Gonçalo José Vaz de Carvalho, Francisco Soares Franco, marquez de Vianna, D. Francisco Brito do Rio, José Augusto Braacamp, José Lourenço da Luz Anselmo Lody, Jacintho José Dias de Carvalho, Antonio Freire de Andrade, José Izidoro Guedes, D. José de Paula d'Almeida e Luiz Daly.

Constituiu por muitos annos a receita do asylo, o producto de subscrições em que tomou a melhor parte a familia real, e donativos de irmandades, sendo-lhe tambem dado metade dos legados pios que pertenciam ás corporações extinctas do districto de Lisboa.

Em 1838, os rendimentos foram acrescentados com o rendimento de 400 bilhetes das loterias da Santa Casa da Misericordia e mais 2% de imposto nas decimas da capital, etc.

Em 1851, porém, o governo remodelou a administração d'este asylo, creando os logares de provedor e adjunto, para os quaes nomeou respectivamente José Isidoro Guedes e Antonio Maria de Sampaio Freire de Andrade.

Sob a provedoria do sr. José Isidoro Guedes, muito se desenvolveu o asylo, pois que o novo provedor adquiriu, com o producto de festas publicas no Passeio e outras, o palacio dos condes de Murça, contiguo ao edificio do asylo, com o que alargou aquelle estabelecimento de modo a separar os asylados dos dois sexos, em alojamentos independentes. Muitos outros melhoramentos fez o sr. José Isidoro Vianna, durante a sua administração, que durou 22 annos, cedendo sempre os seus honorarios em beneficio do asylo.

Os grandes melhoramentos, porém, do asylo da Mendicidade datam de 1881, sob a administração do actual provedor, sr. Alfredo de Queiroz Guedes, o qual, com o producto de festas de caridade e bazares, e uma administração rigorosa, conseguiu reformar quasi completamente aquelle estabelecimento.

De todos os melhoramentos realizados pelo actual provedor, o mais importante para a economia do asylo foi o estabelecimento de officinas onde os asylados, que podem, trabalham sem esforço, as horas que as suas forças lhe permitem, com o que lucra o asylo e os asylados que d'ali recebem seus proventos.

Tem officinas para operarios de ambos os sexos, para trabalho de alfayate, canteiro, carpinteiro, colchoeiro, costura, desfió de estopa, encadernador, funileiro, marceneiro, meia, palheiro, pintor, polidor, sapateiro, serralleiro e torneiro. Além d'estas officinas, ha a lavanderia que se avanta a todas as outras pela importancia dos serviços que presta, e para o que tem os machinismos mais modernos.

Outros asylados prestam ainda todos os serviços necessarios ao asylo, pelo que este não carece de pessoal estranho, assim como cultivam duas grandes cercas pertencentes ao estabelecimento, d'onde este recolhe legumes, hortaliças e outros fructos para alimentação dos asylados.

Tem o asylo 6 enfermarias, sendo 2 para doencas agudas, 2 para entrevados e 2 para invalidos, nas quaes a media dos doentes é de 250, n'uma população de 856 asylados.

É para notar o acceio que se observa em todas as dependencias do estabelecimento, e tanto mais n'uma população quasi na sua totalidade, de pouca educação e refractaria aos mais rudimentares preceitos hygienicos.

Os dormitórios são espaçosos e convenientemente ventilados, como é indispensavel á hygiene.

A cosinha, no rez do chão, é vastissima e possui um grande fogão no centro, e todos os utensilios na melhor ordem e acceio para o serviço, que

é importante, tendo de preparar tres refeições por dia para tão grande numero de asylados.

Para recreio dos asylados, ha uma grande esplanada ajardinada, onde elles passeiam e descançam quando querem.

O asylo de Mendicidade de Lisboa é hoje um modelo no seu genero, e poucos estabelecimentos d'esta indole haverá lá fora que se lhe possam egualar.

#### A REAL FABRICA DAS SEDAS

##### I

Na madrugada de 3 corrente, foi destruido por um violentissimo incendio o antigo edificio da celebre Real Fabrica das Sedas, no Rato.

Favorecido pela fraca pressão que as aguas da Companhia tem n'aquella eminencia da cidade, circumstancia esta a que crimosamente estão sujeitos os moradores de aquelles sitios, o fogo devorou em duas horas todo o interior da vastissima construção.

Tal como hoje se vê, pela fachada, que ficou de pé, o grande edificio occupa uma extensão avaliada em 110 metros; tem na parte direita 14 janellas em cada um dos dois pavimentos. No corpo central, tem o pavimento do primeiro andar 3 janellas. Por debaixo da do centro, ainda hoje se observa a primitiva taboleta, cujas letras sumidas dizem: *Real Fabrica das Sedas*. Na parte direita ha tambem 14 vãos.

O corpo central é um tanto saliente em todo o prolongamento do edificio, o qual é separado da rua por uma faixa de terreno gradeado, e dos corpos avancados dos extremos, liga-se o da direita ás propriedades da sr.<sup>a</sup> Duqueza de Palmella, e o da esquerda faz angulo e torneja para o largo do Rato.

Na parte da direita do edificio estavam largamente installadas, no primeiro andar a escola industrial Principe Real, e no pavimento terreo uma grande fabrica de carruagens de luxo do sr. Antonio Garcia.

Na parte esquerda, era grande o numero de estabelecimentos o que mostra a vastidão do antigo edificio. No pavimento terreo, havia a Escola de Equitação do sr. Antonio Figueiredo, a Ferradoria Lisbonense do sr. Manoel Rodrigues, o talho n.<sup>o</sup> 173, a Salchicharia Popular, as Officinas Parisienses de chapéus de palha e feltro dos sr.<sup>s</sup> Pinto Lizardo & C.<sup>a</sup>, a Vaccaria Portugueza, etc. No primeiro andar, habitavam diversas familias.

Entre outros estabelecimentos, de que temos noticia haverem occupado antigamente varias partes do vasto edificio, temos o collegio Artistico-Commercial de José Maria Andrade Ferreira, onde se realisaram as notaveis conferencias litterarias em que Castillo apresentou a sua traducção das Georgicas de Virgilio; onde Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro, Manoel do Roussido, e tantos outros illustres escriptores fizeram brilhantes conferencias. Tambem ali esteve mais tarde o grande Collegio Parisiense.

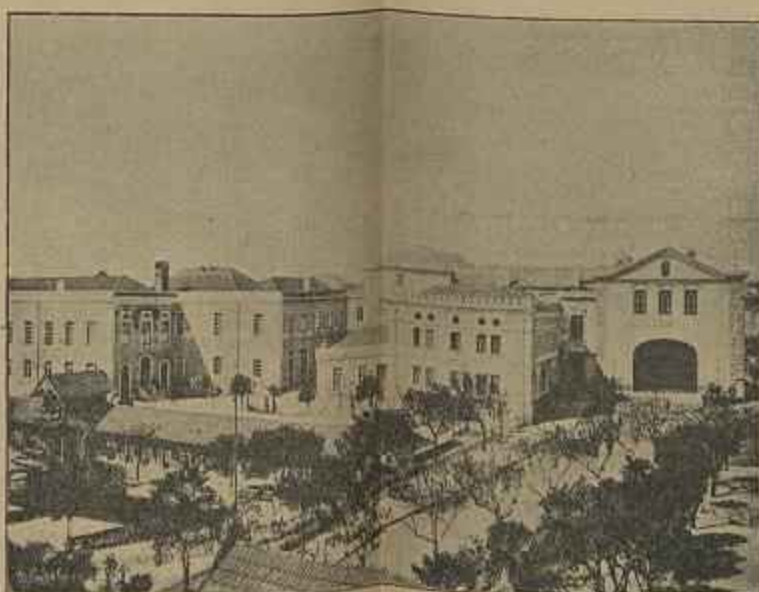
Actualmente, a importante propriedade pertence ao sr. marquez Alessandro Palvacinio, que a tinha segura no baixo valor de 32:000\$000 reis, tendo estado ha alguns annos em 44:000\$000, sendo a diminuição ocasionada pela elevação de premio que a companhia exigiu. A grande officina de carruagens de luxo nada tinha no seguro, sendo os prejuizos avaliados em cerca de cinquenta contos de reis. De entre os tremos que escaparam um unico vimos illeso e esse, por ironia da sorte, foi o carro cellular, que serve para conduzir os presos da cadeia ao tribunal.

Na nossa historia industrial, o edificio incendiado de que vimos fallando representa um grande papel, pois n'elle esteve estabelecida a celebre fabrica das sedas do tempo do Marquez de Pombal estabelecimento este que, tendo aggregado a si outros de não menor importancia e celebridade, mereceu de um benemerito escriptor, por nós muita vez já aqui citado, José Accursio das Neves, o tributo de uma bem elaborada e minuciosissima monographia intitulada: *Noções Historicas, economicas e administrativas sobre a produção e manufactura das sedas em Portugal e particularmente sobre a Real Fabrica do suburbio do Rato e suas annexas*.

Será pois n'este benemerito trabalho que nos fundaremos para dizer alguma coisa acerca da historia de tão notavel estabelecimento que com a sua laboração tanto elevou as nossas industrias no seculo xviii.



ENTRADA PARA AS CAPELINHAS



VISTA GERAL DO ASYLO



PORTARIA



RECREIO DAS ASYLADAS



INTERIOR DA IGREJA DO ASYLO



UM GRUPO DE ASYLADOS

## O ASYLO DE MENDICIDADE DE LISBOA

II

Para indicarmos as origens da Real Fabrica das Sedas, é preciso remontar ao anno de 1730 ou 1731, época em que appareceu em Portugal um francez de nome Roberto Godin, com o projecto de estabelecer fabricas de lãvur sedas a ouro, prata, matizes e de outras muitas e diversas qualidades.<sup>1</sup>

Foi o seu requerimento presente a el-rei pelo

<sup>1</sup> Seria aqui bem cabido um resumo da historia da industria da seda em Portugal, porém para não alongarmos, restringimo-nos propriamente a historiar rapidamente a fundação do mais notavel estabelecimento industrial da grande resurgimento fomentado pelo illustre ministro do rei Reformador.

E. P.

Conselho da Fazenda, em 17 de janeiro de 1734, e, tendo previamente ouvidos o Provedor e Deputados dos negociantes, consultou, primeira e segunda vez, aquelle tribunal, e sobre a segunda Consulta, em data de 17 de junho de 1734, baixou a Real Resolução de 13 de fevereiro de 1734 que concedeu a Godin a graça implorada. Em 25 do mesmo mez e anno, expediu-se-lhe o respectivo Alvará com as condições ajustadas e organisadas pelo Conselho da Fazenda, sendo seu vedor o Marquez de Alegrete, e assignadas pelo secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real.

Essas condições foram escriptas originariamente no livro dos contractos das manufacturas do reino, e a'elle assignadas por Roberto Godin, pelo vedor e ministros do Conselho da Fazenda.

D'allas se tirou uma copia que subiu juntamen-

te com o Alvará de confirmação, e com elle tornou para o mesmo Conselho, authenticada com a assignatura da Corte Real.

Tendo-se incendiado o archivo do Conselho da Fazenda, por occasião do lamentavel terramoto de 1755, e reccidindo que até nem o proprio original de tais condições já existisse, teve o benemerito José Accôr das Neves o louvavel pensamento de as conservar, transcrevendo-as de uma copia legal que conhecia.

Egualmente, nos pareceu a nós muito interessante e conveniente deixal-as aqui por sua vez, porque constituem um eterno monumento da fundação do mais importante de todos os estabelecimentos fabris que tem existido em Portugal.

Pela sua leitura se vêem os principios tão verdadeiros que mais parecem obra do socialismo prati-

co moderno, por que já no seculo xviii se regulavam os governos respectivamente a fabricas. São resultado das mais aturadas e sérias reflexões e contem em si fundamentalmente toda a philosophia, embora incipiente, da legislação fabril, verdadeiro primordio e antecedente do direito industrial que a paizos agigantados se vai estabelecendo.

(Continúa)

Esteves Pereira.

## A PROPOSITO DE LANIFICIOS

Honesty is the best policy.  
John Bull.

No louvavel empenho de chamar a attenção do publico sobre o estado actual da nossa industria

textil, encetou o meu estudioso amigo Esteves Pereira a publicação do seu excellente estudo sobre os lanificios da Covilhã; e-me sympathico o assumpto, como aliás o deve ser a todos que prezam as nossas coisas, encarando-o comtudo sob ponto de vista menos erudito, antes muito mais terra a terra, permittir-me-hei accrescentar, como se dissessemos, a margem de tão util artigo algumas reflexões que a leitura do mesmo me suggeriu, e resta-me a esperanza de que não serão inuteis.

Todos nos, mais ou menos, andamos habituados a ouvir, a cada momento, repetir a esses que por ali fallam de cadeira e cujas opiniões constituem auctoridade para o maior numero: «que não somos uma nação industrial — que isso não está na indole do povo» e quejandas afirma-

ções categoricas, as quaes de modo algum, porém, são confirmadas pelos factos, pois, antes pelo contrario, apesar das condições até agora assas desfavoraveis do meio, mais d'um ramo importante da nossa industria, em lucta corajosa com a concorrência esmagadora do producto estrangeiro, tem sabido dar provas de inquestionavel vitalidade.

Encontrava, e encontra na sua frente ainda hoje, infelizmente, todo aquelle que se arrua entre nós a qualquer apprehendimento industrial a indifferença, o desdem e a animadversão até dos proprios naturaes; sentiamos estes, diga-se a verdade, habilmente explorados em proveito proprio por interesses mercantis, para os quaes o goño facil, commodo e mais certo, resultante do artefacto de importação, que vem escudado pela

fama adquirida, não encontra compensação promettedora nos lucros, porventura mais modestos ou incertos que poderiam facultar-lhes as fabricações nacionaes — Patriotismo e outros impulsos generosos, com isso não se conta — são factores que n'um dado momento apparecem, é certo, entre nós; cujas manifestações ruidosas, gárgulas, porém, quanto balôfas, tem a duração ephemera inherente ao proprio caracter: — esvaem-se como fumo, e as coisas voltam á mesma, se é que se não aggravam, pela illusão do momento.

«Ha bens que vem por males» diz o rifão; o Ultimatum, essa explosão de patriotismo, cujo rastilho lavrou por todo o paiz, a crise, ou crises economicas, que coincidiram com tão memoravel facto, operaram em favor das nossas industrias uma reacção salutar na opinião publica: souberam algumas aproveitar o ensejo e o seu resultado immediato, a corrente de proteccionismo, e de todas ellas, nenhuma conseguiu talvez fazer-o com resultados mais palpaveis, nenhuma logrou tornar-se mais digna da publica sympathia, do que a industria dos lanificios.

Em que pése ao mestre de obra feita, ao desenhador systematico da prata da casa, a esse genero deploravel da tão deploravel especie dos *snobs*; a despeito do seu eterno cliché, d'essa idéa stereotypada pela indifferença ou pela ingnorancia em — eu bestunto rebelde a idéas e por elle invariavelmente traduzida em sentenças condemnatorias, que afinal se resumem todas no estribillo: «por cá não se faz coisa que preste» — apesar de outras que taes affirmações, interesseiras, em muitos casos, não passando porém todas de generalisações destituidas de veracidade; essa industria, que durante longos annos vegetou, por assim dizer em condições deprimentes; n'uma constante lucta com o desdém, com a malevolencia, com a inundação do mercado pelos artefactos estrangeiros; tendo, em muitos casos, o industrial, para evitar a ruina, de submeter-se á humilhante producção anonyma, quantas e quantas vezes revendida por intermediarios pouco escrupulosos a titulo de fabricação estrangeira, — essa industria nunca desanimou; ao contrario, dando provas d'uma virtude tão rara entre nós, a persévencia, nunca deixou tambem de progredir, e assim que veio báfejál-a uma aragem propicia, animada de inquestionavel espirito progressivo, desenvolveu-se rapidamente pelas diversas regiões do paiz em que pode encontrar condições mais favoraveis.

Aperfeiçoando, dia a dia, os seus productos, transformando os seus processos de fabricação, — complexos e difficeis n'este ramo fabril mais talvez que em outro qualquer, pois cumpre não esquecer que vive sujeito ás continuas variantes, aos incessantes caprichos da moda — consegue esta industria textil já hoje supprir as necessidades da maxima parte da população, emulando, até, em uma que outra especialidade, com os artefactos importados do estrangeiro.

Nem tudo são maravilhas, sem duvida — combatendo o pessimismo de zoilos, não vamos nós cahir no excesso contrario: portanto, nada de optimismo, evitemos essa facil complacencia, esses louvores incondicionaes que com tanta levandade por cá se costuma distribuir a torto e a direito: procurémos ser justos e demos o seu a seu dono. Entre os generos fabricados, ha muito a louvar, é certo, e, com bem o digamos, o bom de dia para dia augmenta, podendo sem escrupulo afirmar-se que excede já hoje muito o que o não é; ha, porém, ainda muita fabricação incerta, muita hesitação, muita tentativa de gosto contestavel — côres pouco fixas; aqui e acolá, tons duros, superficiaes e cuja cruzeta não inspira confiança; combinações chromaticas e padrões mal escolhidos — posto que, na maxima parte dos casos, o lado tecnico, o tecido, satisfaca ás condições requeridas<sup>1</sup>. Cumpre no en-

tanto, advertir, que estamos em presença de industrias novas, recentes, algumas, e que, como taes, hão de pagar a inevitavel aprendizagem — pois quem ha ahí que aprenda á custa da experiencia alheia? — Devemos tambem, levando em conta aos industriaes os progressos attingidos em tão curto espaço de tempo, aceitando-os como garantia de futuro aperfeiçoamento, dispensar-lhes alguma indulgencia. E' difficil a technica da profissião, repetimos —: os tecidos destinados ao nosso vestuario, sem embargo do simplismo utilista, de origem ingleza e protestante, que predomina nas feias modas para uso do sexo feio, tem a sua esthetica. Tudo, aliás, desde a maravilha de arte até á propria machina, ao producto mais exclusivamente industrial, tudo é sujeito a essa lei commum — de tudo, á primeira vista, dizemos que é feio ou que é bonito: — belleza e fealdade, relativas, é certo, mas que nem por isso deixam de existir e de ser apreciaveis ao nosso senso esthetico. — A composição dos padrões, já pelo desenho, já pela cor, tem de corresponder a um ideal de excessiva subtilidade, de restringir-se ao circulo estreito de limitadissimas combinações, de formulas decorativas já de si em extremo limitadas, — riscas verticaes, mais ou menos largas, simples ou duplas, enxadrezados, constituídos por linhas ou agrupamentos das mesmas, pintas . . . e pouco mais. — A maior parte d'estas restricções são, como é de suppor, impostas ao fabricante pelas condicções inherentes á tecelagem; o resto, pelo gosto do consummidor, gosto formado, pouco a pouco, pelo uso constante, pelo habito já herdado de duas gerações, pelo menos. Limitações de indole identica coincidem com o emprêgo das côres: — estas tem de ser sempre atenuadas, raras vezes binarias, antes, na maxima parte das fazendas, ternárias, de gradação subtil — apreciaveis em 4.<sup>ta</sup> e 5.<sup>ta</sup> de tom, pois não sendo assim o frêquez torce o nariz e exclama: — «Safa! que sarapantão! — Homem! isto é bom lá para os pretos!» — Advirta-se, ainda, que, além d'estas restricções fataes, concorrem a manietar o fabricante a imposição do gosto importado, cosmopolita: — o termo de comparação, a esthetica normal para o publico é a da fazenda ingleza ou franceza, artefactos perfeitos de uma industria adiantadissima, aos quaes por muitos annos viveu habituado, e que hoje, com quanto a importémos em escala muito mais reduzida, até, do que em geral se suppõe, fabricações de luxo, na maxima parte, d'ella importamos todavia o bastante para manter os nossos productos sob o péso do confronto.

Digamos ainda, de passagem, que nos entra tambem pela barra dentro, não falando na que se esgueira pela raia de Hespanha — muito producto sophismado, muita potreja barata, habilmente armadinha para acudir ao preço — muito Vienne, muito Shoddy de trapo refundido de novo — a industria hoje em dia tem recursos! — e sabe Deus quanta rede de pardaes, calandria; allemã, belga e d'outras proveniencias, que são outros tantos concorrentes temiveis para as nossas industrias de lanificios.

E' obvio aliás que estas não possam, quer nas condições quer na escala de producção, competir triumphantemente com o artefacto estrangeiro: — o inglez de qualquer padrão para calças fabrica, supponhamos, 400:000 exemplares — os nossos compatriotas, quantas vezes em casos identicos não fabricarão 4:000? Elles, além das vantagens do cambio, tem as suas bellas raças de gado lanigero, os inextogaveis rebanhos da Australia — as lãs da America do Sul, a alpaca, a vigonha, o lama, o guanaco, o mohair, a cabra de Angora, as lãs sedosas de Damasco, de Cashmir, e quantas mais, postas nos seus portos de mar, directamente, e tudo isto em condições muito mais economicas. Exportam por todo esse mundo fóra, e os productos das suas industrias textis são motivo de orgulho nacional — o mestre d'obra feita, a mosca do côche do bom Lafontaine, o não sabemos fazer coisa nenhuma é monstro que se não aclima no sólo britannico — e nós, é o que se sabe, ou ainda peor, o que se não sabe!

cações de ambos paizes attingiram essa perfeição que todos reconhecemos.

Moral do caso — ninguém nasce ensinado, e é circumstancia assaz octoria írem todos esses defeitos diminuindo de dia para dia nos nossos artefactos nacionaes (souberam lá dominar-os, quasi por completo, fabricas de fundação por assim dizer, recente, como as da Arrentella, Alhandra, Coimbra) não será, pois, excesso de optimismo o esperar que, dentro em breve espaço de tempo, elles tenham desaparecido, até onde podem desaparecer, pois cumpre não esquecermos que, por mais que faça o tintureiro, hade sempre ser batido por outro tintureiro muito mais forte, o sol da Península — a 36 e 38 graus, quaes serão as côres que resistiam?

Uma coisa que, segundo parece, se sabe por cá muito pouco, é a geographia — pois o commercio deveria saber-a, não é verdade? — custeiámselle aulas especiaes para isso nos institutos de Lisboa e Porto, os cursos respectivos abrangem desenvolvidamente a geographia commercial e industrial — isto sem fallarmos da que lhe facultam as suas proprias escolas e os lyceus — que diacho de levandade — por que é então que com tamanha insistencia se equivocam, tanto a meudo, localizando a Covilhã, a Arrentella, a Alhandra, e quejando centros fabris . . . no mappa das ilhas britannicas?!

Ha mais coisas que se não sabem. Porque é que pesará sobre estas industrias uma atmospherasiinha de mysterio? — O publico não as conhece, ou pelo menos não distingue a proveniencia dos artefactos; o incauto que tenta orientar se, e fallo por experiencia propria, sendo eu aliás, como já devem ter percebido, um tanto carôla do assumpto, — embrenha-se em labyrintho de informações contradictorias — de fatigantes lamurias: — o fabricante lança as culpas ao intermediario, este queixa-se do fabricante e ambos elles junto, do publico. . . — «que este torce o nariz ao que é nosso, só achando bom o que é de fóra, e gosta de ser enganado. . .» é, sabidas as contas, quando a gente vem a saber a verdade, é por vias indirectas. — Um dia, a meza de um hotel, na provincia, entre o queijo e o café, n'uma d'essas optimas cavaqueiras, já com as luzes accesas e com que por lá se combate a monotonia local, veio a baila o assumpto: — estabelece-se a discussão e dividem-se as opiniões: — eis que se ergue da cadeira o mais accerrimo d'entre o grupo d'aquelles detractores das nossas coisas, e, dando uma volta á roda da meza, insiste com todos do grupo contrario a que lhe apalpem o fato. «Isto sim, isto é que é fazenda, ingleza da gêmma. . . conhece-se logo pelo toque. — Olhem para as suas, que differença!» Inclina-se para elle um sujeito, que assistira á discussão, sem abrir bico, — ou antes discutindo em silencio. . . com uma botija de genebra, ou de terebintina — se é que o aroma faz fé — sacca do bolso uma carteira do tamanho de uma patrôna, e n'uma volta de mão, mette-lhe á cara armados em leque, qual naipe em jogo de vasa, meia duzia de cartões, com amostras, e em tom fanhoso, arrastado, de pregoeiro de leilão, despega-lhe laconicamente: «Arrentella — Covilhã — Alhandra — Campo Grande.»

Será necessario acrescentar que entre as tirinhas de fazenda, figuravam, além do padrão do fato do nosso zoilo, os dos fatos que traziam vestidos alguns dos que com elle faziam côra? — Tableau! — Olhei para a parede por acaso; o nariz do impanzinado anglomano projectava uma sombra de palmo e meio, e — singular aberração zoologica, a cara era d'asno, mas o nariz. . . d'elephante! — O outo não quiz abusar do triumpho, sumiu-se, e o incidente comico liquidou-se em concerto de gargalhadas.

Mas nem tudo se leva a rir, já é tempo de pôr termo a uma situação tão pouco airosa para todos — salvo talvez para meia duzia, — e agora, mais do que nunca, precisamos fazer o inventario dos nossos recursos economicos: urge que todos saibamos com que é que podemos contar. Já vem proximo o centenário, — ha projectos de exposições, e, se bem me recordo, conta-se com uma no Porto. Pois bem, que o Porto se não esqueça da data memoravel que lhe coube a honra de inaugurar, com a sua exposição de ceramica de 1882, d'esse facto brilhante nos annos da nossa industria. Por que se não hão-de uma vez applicar á industria dos lanificios os admiraveis processos de estudo a que por então foram submettidas as nossas artes de barro e do fogo? — Porque se não hade iniciar definitivamente o publico ao verdadeiro modo de ser de tão importantes industrias, coordenando, classificando-lhes os productos, analysando-os escrupulosamente, já sob o ponto de vista tecnico, já pelo lado economico? Urge que realizemos um exposição sincera, completa, que abranja esses artefactos na sua totalidade — que nos faculte ensejo para distribuirmos louvor a quem o mereça — e não faltará, graças a Deus, que louvar; mas que nos revele tambem a quem é que devemos attribuir umas certas fabricações que, sob a designação de populares, e como taes de baixo preço, são, muitas d'ellas, verdadeiros horrores, uns medos! Negação absoluta do gosto, e tudo quanto ha de menos popular, apresentam-nos apenas a caricatura dos padrões, destinados ás classes mais favorecidas de meios. Corromper ao povo o seu gosto simples, logico, pratico, e senão, veja-se como elle o manifesta nas suas fabricações caseiras — substituir ao gosto popular o gosto canalha é delicto tanto mais grave, quanto é desnecessario. Se elle proprio

<sup>1</sup> Algumas fazendas, na opinião dos alfaiates, devido á imperfeição dos processos de lavagem, são muito atreitas a nodos, havendo tal que em as agarrando nem Santo Antonio lh'as tira; outras, um tanto pegajosas ao contacto, dir-se-hia que attrahem a poeira: — ha fato de flanelle que, quem o quizer trazer limpo, ha-de sahir de casa com uma escova na algibeira. Estes defeitos, e o outro ainda mais grave de mudarem a côr era, e supponhos ser ainda, até certo ponto, commum a essas fazendas hespanholas, cujo contrabando tem existido em larga escala em quasi toda a nossa fronteira e cuja concorrência fatal arruinou as fabricas de Portalegre. — No primeiro quartel d'este século, os nossos fabricantes, em representação que dirigiam ao Estado, queixavam-se amargamente da concorrência dos pannos inglezes; concorrência tanto mais desleal, allegavam elles, visto como á inferior qualidade dos mesmos accrescia o defeito de serem pouco fixas as côres.

Ha trinta e tantos annos, queixavam-se os alfaiates de que não podiam depositar inteira confiança nos pannos finos e casimiras francezas, e, d'então para cá, as fabri-

n'esses seus modestos artefactos tradicionaes, indica á industria o caminho!

Taes aberrações constituem, felizmente, casos excepçõaes, entre os artefactos para consumo popular, muitos, sem duvida, correspondem ao fim a que se destinam.

Uma exposição empreendida debaixo d'este ponto de vista, absolutamente pratica, sincera e leal, sem reserva e sem arcanos—precursora de outras manifestações periodicas, systematicas, do mesmo genero, correspondendo ás mesmas intenções, e não como aquellas que até hoje se tem feito, envolvida ou antes perdida por entre esse capharnaum, essa confusão inevitavel das grandes exposições collectivas, seria o primeiro passo no caminho da absoluta emancipação d'uma industria que é da maxima importancia para o paiz—d'uma industria cujas aspirações legitimas a todos nos cumpre auxiliar, pois embora a sua producção com pouco mais possa vir a contar no futuro, além do consumo interno, é obvio que a todos convem que esse consumo lhe possa vir a ser permanentemente garantido—*Honesty is the best policy*—eis o axioma que o industrial britannico, que o grande fabricante de Leeds adoptou para seu lemma, o motto que inscreveu no seu pendão e que, vertido em portuguez corrente, quer dizer:—a honradez é a mais sã das politicas;—ignoro se o traduziriam tambem os industriaes de Elbeuf, de Roubaix e os de Sedan, mas devem, sem duvida, guiar-se por outro qualquer, senão egual, pelo menos de intenção equivalente, a julgar pela egualdade, pela perfeição nunca dementida dos seus artefactos:—que os nossos fabricantes, pois, empenhados fatalmente em lucta com tão bem defendidos contendores, jámais percam de vista que, se quiserem medir-se vantajosamente com elles, só o poderão conseguir empregando armas da mesma força.

Pin. Sel.

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

XIII

(Continuado do numero anterior)

Esgrimindo sempre, fomos entrando pela igreja dentro. Elle já me ferira duas vezes em pleno peito, sem que eu tivesse conseguido tocar-lhe.

Era, sem duvida, muito mais dextro do que eu. Possu-me de colera, ataquei-o valentemente e fui impurrando-o até ao altar, onde elle me vibrou á cabeça um bote tão rude, que mal o pude apagar na minha espada, cuja lamina com a violencia do choque lhe enterrei mais d'um palmo entre as costellas.

A multidão que nos cercava era tanta que elle não poude defender-se. N'este momento, appareceu a justiça e quiz-nos tirar para fóra da igreja: mas dois frades de San Francisco, que era em frente, transportaram-me para o seu convento com o auxilio secreto do alguacil-mayor D. Pedro Beltran, cunhado de meu patrão Juan Lopez d'Arquijo. Recolhido caridosamente e assistido na minha cura por estes bons religiosos, estive uns cinco mezes recluso em San Francisco.

Chavarria levou tambem muitos e longos dias a curar-se, reclamando sempre em altos gritos a sua mulher. Houve a este respeito varias tentativas e diligencias. Ella resistia, alegando correr um bem manifesto risco a sua vida.

O arcebispo, o presidente e varios senadores empenharam-se e convenceram-nos por fim a que entrassem ambos para a vida monastica, fazendo profissão, ella no convento em que estava, e elle em qualquer que lhe agradasse.

Só restava, pois, regular o caso na parte que me dizia respeito. A queixa fóra apresentada. Meu amo, Juan Lopez de Arquijo, veio ver-me e informou o arcebispo D. Alonso de Peralta, o presidente e os senadores da verdade e da singular aventura em que eu, sinceramente sem a menor malicia, tinha cahido, e que tão differente era do que Chavarria imaginava, pois que apenas socorrera uma mulher desprotegida que se lançára a mim para a livrar da morte e leve-la, a seu pedido, ao convento em que estava sua mãe.

Verificado isto e reconhecida á evidencia á verdade, foi a queixa considerada sem fundamento. Seguiu-se depois a entrada dos dois esposos para a vida monastica.

Sahi então do meu retiro, regulei alguns negocios e fiz frequentes visitas á minha freira, a sua mãe e a outras senhoras da terra, as quaes muito reconhecidas para commigo, me presentearam, á portia.

XIV

Puz-me á cata de um emprego. D. Maria de Ulloa, muito reconhecida pelas meus serviços, obteve-me do presidente e da Audiencia uma comissão em Piscobamba e nas planicies de Mizque, tendo por objecto a inquirição e o castigo de certos delictos que ali se tinham commettido.

Acompanhado d'um escrivão e d'um alguacil parti immediatamente para Piscobamba, onde persegui e aprisionei o alferes Francisco de Escobar residente e ca-ado na referida localidade. Era accusado de haver assassinado traçoicamente dois indios para os roubar e de os ter enterrado em sua casa, n'um subterraneo. Revolvi o solo e ahí encontrei os cadaveres; proseguindo a causa em todos os seus termos até completo final.

Citadas as partes, dei a respectiva sentença, condemnando á morte o criminoso. Elle tratou d'appellar. Concedi a appellação e mandei transferir, como devia, o processo e o accusado para o tribunal da Real Audiencia em La Plata, que confirmou o julgamento, sendo enforcado o homem.

Dirigi-me ás planicies de Mizque e, depois de ter regulado o negocio que ahí me levava, voltei a dar contas da minha missão e a entregar os documentos respectivos. Depois demorei-me alguns dias em La Plata.

XV

Transportei-me á cidade da Paz, onde vivi descansadamente durante algum tempo.

Um bello dia, porém quando eu estava muito despreocupado e me suppunha livre de toda a inquietação, parei á porta do corregedor Antonio Barraza a conversar com um seu creado. Quiz o diabo assoprar o fogo da discordia, elle me dementiu arrumando-me com o chapéo á cara. Puxei da espada e estendi-o morto a meus pés.

Tanta foi a gente que se ajuntou em volta de mim que logo fui preso, agredido e levado para a cadeia. A minha cara e o meu processo proseguiram parallelamente.

Instruida a causa, outros processos se lhe vieram juntar agravando-a bastante, pelo que o corregedor me condemnou á morte. Appellei, mas não obstante isso, mandou-se executar a sentença.

Levei dois dias para me confessar. Ao terceiro, disse-se a missa na prisão, e o santo padre, tendo consummado o sacrificio, voltou-se para mim, deu-me a communhão e subiu outra vez para o altar.

Assim que elle se virou, dei-tei fóra a hostia que conservara na bocca e aparei-a na mão direita, exclamando em alta voz:

—Apello para a Igreja! Apello para a Igreja! Originou-se um tumulto enorme. Diziam todos á uma que eu era herege.

Acudiu o padre que me defendeu da ira popular, prohibindo que me tocassem. Como elle já acabara a missa, o senhor bispo frei D. Domingo Valderrama, dominicano, entrou acompanhado do governador.

Os padres e o povo todo fizeram um grande ajuntamento, accenderam logo os cirios, trouxeram o pallio e levaram-me em procissão até ao tabernaculo.

Chegados ahí, ajoelharam todos, e um padre com os paramentos vestidos tomou-me a hostia da mão e introduziu-a no tabernaculo, mas não vi bem onde foi que elle a guardou.

Em seguida lavou-me cuidadosamente a mão, enxugando-a depois.

Terminada esta cerimonia e evacuada a igreja, sahiram Suas Reverendissimas e deixaram-me sozinho.

Fôra um santo frade franciscano, que estava na prisão e que por ultimo me tinha confessado, quem me deu entre outros este bom conselho.

Durante mais d'um mez, teve o governador cercada a igreja; mas eu estava lá muito bem salvo. Por fim, viu-se obrigado a retirar os guardas; e então um bondoso padre, por ordem do bispo, seguindo suppoz, depois de ter reconhecido as visinhanças e os caminhos, deu-me uma mula e algum dinheiro, com o que me dirigi a Guzco.

XVI

A cidade de Guzco não cede em nada á de Lima, tanto em habitantes como em riqueza. Cabeça de bispado, a sua cathedral é dedicada á Assumpção de Nossa Senhora e tem uns cinco prebendarios e oito conegos; possui oito parochias,

quatro mosteiros de religiosos franciscanos, dominicanos, agostinhos e da ordem de Nossa Senhora das Mercês, quatro collegios, dois conventos de freiras e tres hospitaes.

Ao fim de alguns dias de permanencia n'esta terra, sobreveiu-me uma desgraça bem cruel, na verdade, e realmente immerecida, porque eu não era culpado de cousa alguma, consistindo apenas em gozar de má reputação.

Uma noite, morreu de repente D. Luiz de Godoy, corregedor de Guzco, cavalheiro distincto e dos mais qualificados da terra. Foi assassinado, como mais tarde se descobriu, por um certo Caranza, em virtude de questões velhas tão longas quanto difficeis de relatar.

Não se conhecendo o auctor do crime, foi-me elle imputado. O corregedor D. Fernando de Guzman mandou prender-me e teve-me encarcerado durante cinco mezes, em que vivi na mais triste situação.

Emfim, passado este tempo, permittiu Deus que a verdade se descobrisse e se declarasse a minha innocencia em tal delicto.

Puzeram-me em liberdade e, assim que me vi solto, fugi de Guzco.

XVII

Dirigi-me a Lima. Por este tempo, era vice-rei do Peru o marquez de Montes Claros, D. Juan de Mendoza y Luna.

Os hollandezes atacavam então Lima com oito navios de guerra e a cidade estava em armas. Sahimo-lhes ao encontro no porto de Callao, em cinco embarcações.

Durante bastante tempo tudo correu favoravel para nós, mas depois a nossa nau almiranta foi tão rudemente abordada que se submergiu.

Apenas tres homens se puderam salvar, nadando para um navio inimigo que os abrigou. Foi eu, um franciscano descalço e um soldado. O inimigo tratou-nos mal, com desprezo e zombaria. O resto da tripulação da nau almiranta pereceu toda.

(Continua)

Estevao Pereira.

## REACÇÕES

A falta de equilibrio é uma das características da sociedade hodierna. Abrange todas as classes, e póde considerar-se excepção aquella ou aquellas que se conservam em attitudde correctá e de bom senso.

A doença de que tratamos manifesta-se por dois symptomas—má orientação politica e pessima educação civica.

Os homens importantes dos diversos partidos que merecem conceito, ou não tem austeridade de principios e fins assentes, por onde pautem o seu proceder, ou são tomados de ambição desregrada, visando apenas interesses pessoais.

As opposições d'um dia, se alcançam o suspirado poder, dão no dia seguinte o espectáculo irrisorio de pôr em pratica todos os processos contra os quaes se revoltavam anteriormente á sua participação no governo.

Os actos electoraes nem representam a livre escolha dos electores, nem revestem a seriedade propria da sua significação.

Somos cinco milhões de individuos, e n'este numero contamos quatro milhões de analphabetos!

Pareceria inacreditavel, se não houvesse uma estatística a comproval-o.

Por cima de tudo isto, fazem-se perseguições insensatas, a proposito de idéas avançadas, suppostas ou verdadeiras.

Assim como o uso constante da brandura toca as raias da toleima, os rigores excessivos e não justificados provocam a reacção natural e augmentam o numero dos descontentes.

Duvidamos que haja alguma intelligencia de boa fé a que repugne esta forma de raciocinio. Milhares de exemplos nos forneceria a historia se nós quizessemos citar factos demonstrativos.

Um governo é verdadeiramente forte quando tem a maxima prudencia e possui a maxima circumspecção.

Alardear forças, quando não atinja as proporções do ridiculo, nem por isso deixa de ser famosa inutilidade e até desafio quasi insultante.

Energia, é uma das qualidades indispensaveis para quem dirige, mas para que os resultados produzidos sejam de valor, é mister retemperal-a no cadinho da oportunidade.

É só nos períodos verdadeiramente agudos da história dos povos, quando são a hora solenne das liquidações sociais e é manifesta a accumulção de erros políticos, e só então que os maiores culpados nas más administrações ousam vir a publico notar faltas commettidas e indicar remedios.

Empreza estulta, ainda tem a desvantagem de mostrar a incuria ou a má fé de quem a tanto se abalança nas occasiões difficéis.

Certamente que o juizo formado por um homem acerca d'uma crise que poderia anteriormente ter evitado e que, ao contrario, não evitou mas antes impelliu ao seu desenlace fatal, juizo formado já intempestivamente, apenas serve a dar prova d'um pessimo character e a justificar todas as antypathias.

Infelizmente, e duro é dizel-o, tal tem sido a marcha seguida pelos politicos portuguezes, na sua grande maioria.

Os espiritos reconhecidamente superiores, que constituem excepção honrosissima, ou são postos de parte na organisação de gabinete, ou sim-

stancia do que diz respeito á economia da sua communidade.

Fazer agora promessas, lisongear amanhã paixões, para no dia seguinte ou não ter a coragem d'um Pio 2.<sup>o</sup> ou tudo conceder nesciamente, e um systema calamitoso que redunda no mal das nações, arrastando-as mesmo á perda infallivel da autonomia.

Os logares publicos creados em Portugal para brinde a *meninos bonitos*, attingem uma cifra tão elevada e até extraordinaria se se observa o progresso retrogrado dos diferentes serviços, que só para ordenados desaparece uma boa parte das receitas.

As leis relativas a aposentações são por outro lado tão ambiguas e dão margem a taes simulações e interpretações falsas, que empregados ha que se aposentam para occuparem novos logares mais rendosos.

De muitos movimentos politico-sociaes dão conta as paginas da historia, mas nem um só triumpho foi alcançado e permaneceu vantajoso, de modo escripto ou tradicional para as idades

governo, influencias estranhas bastante improprias.

E sobretudo, nas situações de gravidade, que devem revelar-se em toda a efflorescencia masculina os dotes viris dos grandes caracteres, é ahí que cada ministro, possuindo a comprehensão nitida do seu cargo e tomando por completo a responsabilidade dos seus actos, não pôde transigir á não ser depondo a pasta.

A proposito d'Attila, disse um escriptor muito nosso, o fallecido D. Antonio da Costa, «quiz e poude.»

Que falta pois a qualquer homem, para se tornar credor de respeito e digno modelo a imitar? Uma só cousa lhe basta e que não precisa procurar em parte estranha — querer; — é uma faculdade da sua alma, nobilitando-o como creatura e honrando-o na sociedade.

Se um individuo rouba, envenena, é incendiario, que prova na pratica do crime? Falsa educação, má indole, falta de vontade para o bem.

Admittem os codigos com muitissima justiça a allegação de circumstancias attenuantes, para o



ANTIGO EDIFICIO DA REAL FABRICA DAS SEDAS, DO RATO, INCENDIADO NA MADRUGADA DE 3 DO CORRENTE

(Cópia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)

plesmente passam pelas cadeiras do poder, onde não permanecem por se verem desconsiderados e desacatados.

Ninguém desconhece a situação tremenda em que nos encontramos, e, não obstante, não se nota que haja firme proposito de remedial-a seriamente.

Que processos deveriam ser adoptados para embargar o resvalar do abysmo?

Um plano maduramente pensado de reformas duradouras e uteis; bastante independencia para operar reduções indispensaveis e manter a ordem publica, caso fosse alterada; energia inflexivel para exigir responsabilidades a quem quer que as tivesse, impondo incondicionalmente o respeito das leis e cortando principalissimamente os abusos escandalosos, embora fosse necessario eliminar corporações inteiras.

Um ministerio, constituido por individuos de taes predicados, terá sempre a força precisa para negar-se a imposições estranhas, venham ellas d'onde vierem, e saberá tambem usar d'ella com dignidade nos casos extremos de motins e rebeliões.

A formiga nunca sente falta de provisões na sua morada das entranhas da terra, porque cuida em tempo favoravel e sem fanfarronice nem ja-

futuras, se não teve por base um nucleo forte, mas da força que provem da união de vontades congregadas em torno de principios de razão.

Desde que as posições se baralham, apesar de terem sido previa e logicamente definidas, um certo mal-estar avassala as diferentes classes, e reflecte-se na confusão irritante da vida pratica.

Cada cousa no seu logar, cada individuo no seu meio, cada homem no seu officio; são palavras axiomaticas, cuja alteração é sempre funesta e injustificavel.

Reinar, por exemplo, na forma constitucional representativa, não significa intervenção directa em todos os ramos da governança, embora com certas cores de mera indicação para utilidade geral.

Se algumas vezes os chefes d'Estado obedecem, em taes circumstancias a impressões maduramente pensadas, não cessa por isso d'haver inversão nos papeis, logo que seja a vontade soberana quem se imponha em vez das resoluções dos ministros, dentro e em harmonia com a expressão das leis. Um dos crimes mais repugnantes, que sancionou a revolução franceza de 1789, o assassinato de Luiz XVI e de sua esposa, pretenderam os seus auctores attenual-o um pouco com o facto certo de exercerem predomínio no animo do

fim de alliviar os reus na pena; o que porém, seria assaz revoltante era em taes casos consideral-os inteiramente quites de responsabilidade.

Os governos compõem-se d'homens; e pelo facto de occuparem o cume da hierarchia social, não só não escapam aos golpes da critica mas estão sujeitos aos mesmos principios de moralidade, pelos quaes se regem os cidadãos em cada Estado.

Entrar na politica activa do seu paiz, sem outras idéas além da consecução de suspiradas vantagens pecuniarias; publicar juizos severos á sombra do anonymato, e sorrir intimamente a cada victoria e a cada conquista, logradas em veredas tortuosas; reprovat sophismando, e sancionar fazendo-se rogado o que é forçoso que seja, tudo isto, a que todos nós vamos assistindo ha annos, o rir de si proprio nas plateas dos theatros em cuja scena se desenrolam as revistas, não é apenas um symptoma degradante da miseria moral d'um povo, é gozar na immundicie e chafurdar na lama.

D. Francisco de Noronha.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Laureiro, 25 e 27